

Sumário



| | |
|--|----|
| <i>Prefácio</i> | 7 |
| <i>Introdução</i> | 9 |
| 1. O QUE É UM <i>BEST-SELLER</i> | 15 |
| Características atuais de um livro de sucesso..... | 16 |
| 2. TENDÊNCIAS DE MERCADO..... | 23 |
| Por dentro do livro..... | 23 |
| 3. O PÚBLICO-ALVO..... | 31 |
| Tipos de leitor | 34 |
| 4. A IDÉIA | 37 |
| O que é idéia | 37 |
| Em busca da idéia..... | 47 |
| 5. O TEMA | 59 |
| A escolha do tema | 63 |
| 6. A PESQUISA | 77 |
| 7. O INÍCIO DA CONSTRUÇÃO | 89 |
| Planejamento | 89 |

| | |
|--|-----|
| Análise e síntese | 96 |
| 8. O CONFLITO | 99 |
| Apresentação do conflito | 100 |
| Desenvolvimento do conflito..... | 103 |
| Solução do conflito..... | 103 |
| 9. OS GÊNEROS NARRATIVOS | 105 |
| Conto..... | 106 |
| Novela | 107 |
| Romance | 107 |
| 10. MONTANDO O PROJETO LITERÁRIO | 109 |
| Esquema para projeto literário | 111 |
| Explicando o projeto..... | 113 |
| O percurso da ação dramática | 138 |
| 11. ESTRUTURA DO ROMANCE | 139 |
| Montagem da história | 144 |
| Montagem do conflito | 145 |
| Solução do conflito..... | 145 |
| Os diálogos | 147 |
| Iniciando o texto | 154 |
| <i>Conclusão</i> | 161 |
| <i>Anexo: Projeto Fraude verde</i> | 163 |

Prefácio



Quem conhece a obra de Ryoki Inoue sabe do extremo apuro com que ele elabora seus romances. Os contextos históricos e geográficos são exaustivamente pesquisados para que seus personagens se movam no cenário adequado. A linguagem elegante e os diálogos precisos fazem da leitura um prazer. Os conflitos centrais das narrativas – todo romance tem um conflito, ele ensina – se desenvolvem de forma a prender a atenção do leitor até o fim. Pois bem: Ryoki resolveu compartilhar sua técnica afiada com os candidatos a escritores. Há dez anos ele já havia dado um passo nessa direção ao publicar *O caminho das pedras*, um volume de normas que ensinavam a escrever bem. Agora, com *Vencendo o desafio de escrever um romance*, ele leva seu projeto a frente com um manual completo sobre como se aventurar com sucesso na literatura de ficção.

Escrever romances é um sonho recorrente de muita gente amiga das letras. Seja por um desafio pessoal, para se provar capaz de aderir à seara dos autores que admira, seja por vislumbrar uma possível carreira de escritor. Mas escrever um romance – sabe quem já tentou – significa percorrer uma longa jornada por terreno acidentado. Não basta uma boa idéia. Para chegar ao fim do percurso, é preciso levar na bagagem uma extensa lista de ferramentas, necessárias até para saber se a idéia inicial é realmente boa. Sem elas, o romance desmorona e se transforma num amontoado de palavras incapaz de atrair leitores. Todas essas ferramentas estão em *Vencendo o desafio de escrever um romance*. A

obra impressiona pelo detalhamento com que o autor explica cada uma das etapas necessárias para chegar ao resultado que o título promete.

Para exemplificar suas lições, Ryoki cita no livro muitos autores de leitura imprescindível para quem quer escrever romances. Entre eles, Thomas Mann, o gigante da literatura alemã, autor de *A montanha mágica* e *Morte em Veneza*. Mann definia o escritor como “alguém que tem mais dificuldade em escrever do que as outras pessoas”. Ryoki, ao que tudo indica, partilha da mesma opinião. Logo no início deste livro, do alto de seu cachimbo que emite vapores filosóficos, ele adverte que para construir um romance “é fundamental o sacrifício, o esforço, o deixar de lado momentos de lazer, de diversão, de sono”. Até mesmo a boa forma física, ele alerta, é importante no processo. O autor diz que procura encarar as etapas da elaboração de um livro como pedras a serem removidas do caminho. Deparar com essas pedras, contudo, não produz desânimo, mas estímulo e desafio para seguir adiante. Ryoki explica como lidar com cada uma dessas pedras – a sinopse, o argumento, o *storyline*, a “síndrome da tela cinza do computador” e até mesmo a negociação dos direitos autorais com a editora. Mas, atenção: na prosa leve e bem humorada de Ryoki, essas advertências e orientações nunca soam ameaçadoras. As pedras de Ryoki sorriem. Até mesmo Stanislaw Ponte Preta, o rei da gozação no Rio de Janeiro dos anos dourados, é citado um par de vezes.

É bom esclarecer que poucos autores brasileiros seriam tão qualificados quanto Ryoki Inoue para escrever um manual como este. Ryoki tem no currículo 1.073 romances publicados, cifra que o alçou ao *Guinness* – a edição internacional, ressalte-se – como o autor que mais escreveu livros até hoje no mundo. Outra característica da obra de Ryoki que o habilita a passar adiante suas lições é a variedade de gêneros a que ele já se dedicou. Em matéria de ficção, o homem já escreveu de tudo, de suspense a faroeste, de histórias de amor a aventuras baseadas em fatos reais. A essa última categoria pertencem os mais recentes romances de Ryoki, inclusive alguns que estão para serem lançados, ficções solidamente lastreadas em acontecimentos históricos. Colossos nos quais se vê como funcionam, na prática, as lições que ele reúne neste manual.

Introdução



Plantar uma árvore, ter um filho e escrever um livro.

Esse velho adágio teria de ser mudado. Afinal de contas, não é todo mundo que gosta de plantas, não são todas as pessoas que gostam de crianças ou que podem tê-las. E, com certeza, são pouquíssimas aquelas que decidem escrever um livro – e que vão em frente nessa empreitada.

Mas, graças ao nosso bom Deus – não importando com qual forma ou nome Ele apareça –, há as que escrevem e ajudam de maneira inequívoca a provar para nós mesmos que, de fato, estamos no topo da escala zoológica: somos capazes de pensar, raciocinar e, o mais importante, comunicar nossos conhecimentos e emoções.

Contudo, essa comunicação precisa ser eficaz, bilateralmente prazerosa – tanto o escritor quanto o leitor devem sentir prazer – e durável – precisa continuar a funcionar o tempo todo, por décadas ou até mesmo séculos. Ou seja, quem ler o que foi escrito sempre há de aproveitar alguma coisa, mesmo que seja apenas o prazer de ler – o que, no meu humilde e modesto entender, praticamente resume todo o mérito.

Muita coisa aconteceu desde que, em 1995, escrevi *O caminho das pedras*, até mesmo o desafio lançado pelo *The Wall Street Journal*, de Nova York, para que eu escrevesse um livro em apenas seis horas, sob

o olhar vigilante de um jornalista que ficaria ao meu lado para confirmar que eu estava mesmo produzindo matéria nova. O desafio foi vencido: a obra foi escrita entre 22h30 de uma quinta-feira e 4h da sexta-feira, com o próprio jornalista como protagonista e usando as notícias do telejornal das 20h como base do *plot* principal. O livro tem 160 páginas e foi publicado um ano mais tarde pela Editora Olho d'Água, com o título *O seqüestro fast food*.

Nesses vários anos de contínua vivência no meio editorial e de inúmeras experiências adicionais – algumas agradáveis e muitas terrivelmente desagradáveis –, aprendi muito. Seria injusto de minha parte não partilhar com os candidatos a escritor, que já me honraram com a leitura de *O caminho das pedras*, pelo menos uma parte desse aprendizado.

Assim surgiu a idéia de escrever esta obra, em que enfatizo as dificuldades que todo escritor, seja ele estreado ou não, encontra quando decide transpor para um livro suas idéias ou sonhos.

Sim, pois escrever um livro, de fato, é um sonho que se realiza; entretanto, se olharmos por um determinado prisma, pode muito bem ser encarado como um autêntico pesadelo.

Escrever um livro é trilhar um caminho cheio de pedras. E é tentando mostrar aos futuros escritores essas pedras, esses obstáculos, que este livro vem a público.

Na verdade, procuramos encarar toda e qualquer etapa da construção de um livro como uma pedra, um obstáculo a ser vencido. Não se trata, de forma nenhuma, de um enfoque pessimista. Ao contrário, imaginamos que a visualização das dificuldades pode servir como estímulo e desafio para aquele que escreve – ou pretende escrever – um livro.

Como em *O caminho das pedras*, procurei também aqui transmitir um pouco do processo de criação e metodologia de estruturação que me permitiram chegar aos 1.072 livros escritos e publicados. E admito que possa mesmo despertar a curiosidade da maioria das pessoas um indivíduo que consegue produzir uma média de 128 laudas por dia, laudas essas que formam uma história no mínimo coerente e diferente das outras já escritas por ele. Porém, no meu entender, essa

mesma curiosidade deveria ir um pouco mais longe. Por exemplo, querer saber o que se faz com uma produção intelectual, como se transforma uma soberba montanha de palavras e frases em algo digerível, como viabilizá-la na forma de livro e como publicá-la.

Sem a menor sombra de dúvida, o primeiro passo é a criação. Ou seja, essa é a primeira pedra das muitas que o escritor encontrará em seu caminho.

É preciso ter imaginação?

Sem dúvida.

E imaginação é um dom divino?

Não apenas...

A imaginação é, antes de tudo, o resultado de um intenso e muitas vezes exaustivo treinamento, somado ao esforço de *metodizar* um processo de escrita que permita *criar um enredo* economizando o máximo possível de tempo e ganhando o máximo possível de linhas, sem prejudicar a qualidade da criação em si. Mas, veja bem: *ganhar linhas* não significa *encher lingüiça* nem simplesmente amontoar palavras e frases num trabalho sem nexos ou sentido. Tampouco é procurar substituir uma palavra por duas ou mais, apenas para ganhar espaço ou para tornar o texto mais *erudito*.

É bastante precisa a famosa frase “O sucesso é fruto de 90% de suor e 10% de talento”.

Contudo, creio que seria melhor modificá-la um pouco: “O sucesso é fruto de 98% de suor, 1% de talento e 1% de sorte”.

Está certo, admito: já sei que os pessimistas mais radicais dirão que atribuí uma percentagem muito pequena ao fator sorte...

Mas quero lembrar que ao homem cabe fazer a própria sorte, ou seja, não se deve dar muito crédito a essa história de *destino*.

É o esforço que acaba por fazer o destino de cada pessoa, e não a *simples vontade* de *entidades* ou *guias*, personagens estas um tanto quanto chegadas à pândega e que se divertem à larga observando – de uma dimensão ainda completamente desconhecida por nós, míseros mortais – nossos sofrimentos neste planeta. E quem seria capaz de negar que essas mesmas personagens não gostam de brincar conosco colocando pedras e mais pedras em nosso caminho?

Mas as pedras foram feitas para serem removidas, e os obstáculos para serem transpostos.

Assim, é fundamental o sacrifício, o esforço, o deixar de lado momentos de lazer, de diversão e de sono quando de fato temos a intenção de fazer alguma coisa – de transformar um sonho em realidade.

Aquele que decide escrever deve fazê-lo com toda a alma e com todo o corpo, lembrando sempre que é indispensável a *mens sana in corpore sano*. O que, entre mil outras coisas, significa que o organismo tem de estar absolutamente íntegro para que a produção seja efetivamente boa. Ou seja, nada de álcool, nada de drogas, nada de coisa nenhuma que *fabrique* uma situação mental falsa, que leve à irrealidade ou traga à tona fantasmas que estariam pacificamente *dormindo* no subconsciente.

Talvez alguns me perguntem o que tem que ver a saúde – entendida aqui como condicionamento e preparo físico – com o ato de escrever, especialmente se levarmos em conta que um sem-número de grandes escritores efetivamente não poderiam ser citados como exemplos de homens fisicamente sãos.

Devo lembrar que estamos falando de escrever romances do tipo que os americanos gostam de chamar de *best-sellers*, sejam eles classificados ou não como obras de *pulp fiction*.

Ora, uma das características – seria uma *virtude*? – principais desse tipo de obra é que ela deve ser lida pelo público *de uma só vez*, praticamente sem qualquer interrupção.

É mais ou menos lógico que essa característica implique, automaticamente, uma escrita também rápida e... *de uma só vez*. O que infere a necessidade de um certo preparo físico, não é mesmo?

É preciso admitir que uma pessoa com dor nas costas por causa de um desvio na coluna ou de um simples enfraquecimento dos músculos paravertebrais não consegue ficar debruçada sobre o teclado de um computador por quatro horas seguidas. Ela também não conseguirá, provavelmente, ficar pelo mesmo espaço de tempo pesquisando numa biblioteca ou nos arquivos de um jornal sobre o tema que pretende desenvolver como um romance.

Sim, pois a pesquisa é muito mais do que importante!

Outra característica de um *best-seller* é exatamente a sua *verossimilhança*, ou seja, a *semelhança com a realidade*, e isso só será possível se houver pesquisa – e muito bem-feita, diga-se de passagem.

Seria um absurdo, por exemplo, escrever num romance ou novela cujo palco de ação seja a Segunda Guerra Mundial que as armas usadas pelos aviões norte-americanos possuíam miras e aparelhos de colimação direcionados por raios *laser* – ou então que na batalha de Midway os japoneses utilizaram armas bacteriológicas.

É verdade que estamos tratando de ficção, mas o fato de uma obra ser ficcional não significa que se possa inventar à vontade, que se possam contar mentiras escabrosas – como atribuir frases ou palavras a personalidades reais que jamais poderiam ter sido ditas por elas.

Ora, para escrever um bom romance, uma história que possa ser verossímil apesar de meramente imaginária, é preciso pesquisar. Pesquisar o que de fato aconteceu para que se possa inventar *o que poderia ter acontecido*.

Além disso, se essa argumentação quanto à necessidade de *estudar o tema antes de começar a escrever* não for suficiente, gostaria de lembrar que esse é o *meu* processo criativo... E que nesta obra, obviamente já com muito mais experiência e vivência no mundo editorial, decidi incluir algumas das dificuldades por que passa um escritor desde o instante em que começa a *sonhar* com seu livro até o momento em que decide entregá-lo para publicação.

Creio ter conseguido alcançar meu intento, e o resultado está aqui, neste livro, exposto e posto à disposição de quem quiser tentar fazer uso dele.

Talvez o termo *processo de criação*, acima mencionado, seja inadequado. Creio que *criar* é um pouco mais do que apenas transportar para o papel uma idéia que se forma e dar-lhe a configuração de conto, novela ou romance. Melhor seria chamar de *método de estruturação*.

Enfim, não importa muito. Não estou preparando um livro para vestibular e muito menos publicando uma tese de doutorado. Estou tão-somente tentando transmitir a pessoas que gostam de escrever e ainda encontram alguma dificuldade em *montar* uma história a maneira mais simples que eu encontrei, depois de vinte anos labu-

tando em literatura, de trabalhar melhor e mais rapidamente. E, da mesma forma desinteressada, deixo aqui algumas sugestões para vencer as pedras espalhadas pelo difícil e árduo caminho que se toma no momento em que se decide ser escritor.

Evidentemente, parto do pressuposto de que quem gosta de escrever e pretende *criar* um livro tenha pelo menos as noções básicas de gramática e ortografia. Por isso, não vamos nos ater a problemas dessa esfera técnica.

Assim, peço desculpas aos grandes mestres de literatura, peço que me perdoem os grandes *intellectuais* da arte de escrever e peço licença àqueles que, julgando-se donos de todo conhecimento que existe sobre os métodos de redação, já escreveram, antes de mim, sobre este mesmo assunto.

Minha intenção não é contradizer ninguém, não é polemizar, não é desfazer ou desprestigiar quem quer que seja.

É apenas ensinar a quem quiser saber o caminho das pedras...

O *meu* caminho das pedras. E, também, como podemos desviar das pedras que, com certeza, atrapalham nossa caminhada.